

# GORDON, Cesar. (2006), Economia Selvagem, Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre, São Paulo, UNESP.

Paulo Bull  
(UFRJ)

O livro "Economia Selvagem: Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre" pode ser considerado como uma obra de grande contribuição para a etnologia brasileira, especialmente para a linha que se dedica aos estudos dos povos de língua Jê, geralmente localizados na região central do Brasil e conhecidos por organizarem-se socialmente através de aldeias circulares divididas em metades.

O livro de Cesar Gordon, etnólogo e professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, trata dos povos Xikrin, falantes da língua Kayapó (ou Mebengokré), da família linguística Jê e do tronco linguístico Macro-Jê. O livro de 422 páginas, e editado pela Editora da Unesp, está inserido na coleção do Núcleo de Transformações Indígenas (NuTI), cuja proposta é difundir teses acadêmicas de etnologia indígena.

A investigação de Cesar Gordon é fruto de uma pesquisa de campo realizada durante 12 meses - entre 1998 e 2000 - na Terra Indígena Cateté, localizada no estado do Pará. Segundo o autor, os cerca de 900 indígenas que habitam essa terra têm como traço característico um expressivo desejo por dinheiro e objetos industrializados, marca aparentemente decorrente do convênio firmado pela empresa de exploração mineral Vale, à época chamada Companhia Vale do Rio Doce, que passou a prestar assistência indenizatória aos indígenas pelos impactos do exercício de exploração mineral na Floresta Nacional do Carajás, onde a terra indígena dos Xikrin faz limite.

O convênio firmado com a antiga Companhia Vale do Rio Doce é fundamental para que possam ser entendidas as interações diretas ou indiretas dos índios com órgãos estatais, sociedade civil, missionários, ONGs e antropólogos. Esse convênio entre a empresa e os Xikrin, sem a intervenção da FUNAI, deu-se no final dos anos 1990, e suas emergências são refletidas tanto na organização política dos Xikrin quanto nas suas relações com os processos de aquisição e circulação do dinheiro.

Nesse sentido, o autor, que pretendia realizar um trabalho sobre parentesco, foi "obrigado" a estabelecer como objeto as repercussões dos contatos imprescindíveis entre indígenas e brancos sobre o modo de vida Xikrin. O objetivo do traba-

lho de Gordon tornou-se entender os limites do caráter "inflacionário" do consumo e, a partir do próprio regime sociocosmológico Xikrin, seu verdadeiro sentido.

De acordo com um estilo analítico apresentado e adotado por Eduardo Viveiros de Castro, a "Economia simbólica da alteridade", Gordon conduziu sua análise a partir da própria perspectiva indígena. Segundo Viveiros de Castro, esse estilo analítico, de inspiração Lévi-straussiana, concentra-se nos processos de troca simbólica como a própria troca, o canibalismo, entre outros processos que desempenham um papel constitutivo na definição de identidades coletivas entre os povos indígenas ameríndios.

Após uma apresentação geral ao leitor dos problemas a serem enfrentados e das condições de pesquisa de campo, Gordon introduz-se no debate teórico sobre o tema trazendo algumas abordagens etnológicas precedentes, com as quais traça diálogos pertinentes. Em primeiro lugar, dialoga com Terence Turner, cuja abordagem volta-se à forma como a produção de pessoas (e de trabalho, consequentemente) reproduz a estrutura social Kayapó e, em segundo lugar, como esse modo de reprodução resulta em uma estrutura hierárquica na qual mulheres, genros e jovens são explorados por homens, sogros e adultos. Por outro lado, Vanessa Lea (1986) é outra autora que se insere no debate e que desloca a ideia de riqueza social Kayapó para a propriedade de nomes, de um lado, e objetos, adornos e prerrogativas cerimoniais (*nékréts*) de outro. Segundo a autora, as "casas", como um local onde se atribui propriedade aos bens, seria fundamental para a concepção social da riqueza, pois transmite - vertical e matrilinearmente - justamente aquilo que é considerado riqueza, isto é, nomes e *nékréts*.

Gordon apresenta críticas próprias e de outros autores (Lévi-Strauss, especialmente) a ambas as abordagens, e as define como insuficientes. O motivo dessa insuficiência se dá no sentido de que Turner e Lea não trabalharam de forma veemente e relevante sobre a correlação entre a relíquia tradicional nativa - *nékréts* - e as mercadorias das quais os Xikrin são proprietários, embora tenham apontado para isso. Para Gordon, as mercadorias também são consideradas pelos próprios índios como forma de representar a riqueza. Coube ao

autor do livro perguntar, portanto, quais são as continuidades e descontinuidades entre esses tipos de riqueza e valor.

O autor versa sobre o processo histórico que acarretou na introdução dos brancos na vida indígena dos Xikrin. Essa parte da obra enfoca, em primeiro lugar, a formação da terra indígena Cate-té, demarcada desde os anos 1980, e suas duas aldeias: a maior e mais antiga, chamada Cateté, e a mais recente, denominada Djudjeko; e, em segundo lugar, enfoca a fase de aproximação definitiva com os brancos até o presente. Segundo Gordon, tal história mostra que a comunidade aldeã traz inscrita na sua própria confirmação relações entre diferentes aldeias e entre os habitantes destas com os brancos. Tais relações não necessariamente provocavam conflitos, mas sim parcerias. Nesse sentido, a presença dos brancos no contexto xikrin potencializou a dinâmica sociopolítica indígena e propiciou, ao invés de sujeição, negócios “frutíferos” que resultavam no recebimento de bens e alimentos. Esse argumento, levado a cabo, leva o autor a acreditar que, sob a perspectiva xikrin, o contato é antes efeito que causa do interesse dos Xikrin pelos objetos materiais.

Gordon mostra que o dinheiro para os Xikrin é, essencialmente, uma ferramenta de conservação e um meio de obtenção de produtos desejados. Ao invés de ser acumulado e rentabilizado, o dinheiro é desejado para que mais produtos sejam obtidos. Geralmente, esses bens, adquiridos no exterior, são elaborados através de um processo de diferenciação interna do grupo e, assim sendo, tornam-se interferentes no parentesco e nas relações sociais de um grupo local. Os bens, assim como o ritual, criam e introduzem a alteridade e transformam as pessoas.

Nesse sentido, Gordon expõe que a aquisição de quantidades maiores, mas também a grande variedade e a capacidade de circulação determinam, na sociedade xikrin, a beleza e a grandeza de alguém. Isso ocasionou na demanda cada vez maior por objetos mais sofisticados, em maior quantidade, como em uma espiral inflacionária. Esse “consumo inflacionário” xikrin, como dispositivo de diferenciação de valores simbólicos, é interpretado não à luz do contato, mas sim dos mecanismos de produção e alteração de identidades e corporeidades. Por fim, vemos que o dinheiro cumpre um papel dual: o primeiro, voltado para dentro, refere-se ao seu uso doméstico (alimentar); segundo, voltado para fora, permitindo a alteridade frente à semelhança interna. Compreende-se, finalmente, o sentido atribuído pelos Xikrin para a obtenção de bens industriais e de dinheiro.

Podemos dizer, portanto, que o trabalho de Gordon contribui para o desenvolvimento da etnologia, acrescentando ainda mais ideias ao aparato teórico etnológico e, principalmente, à vasta literatura sobre os povos ameríndios. Mais que isso, por tratar sobre um assunto incipiente como o consumismo indígena, abre um leque de oportunidades de pesquisa para aqueles que estão ingressando nessa área das Ciências Sociais.

ka

## Referências

GORDON, Cesar. (2006), *Economia Selvagem, Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre*, São Paulo, UNESP.

LEA, Vanessa. (1986), *Nomes e nekrets Kayapó: uma concepção de riqueza*. Tese de Doutorado, PPGAS-Museu Nacional - UFRJ.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (2001), "Imagens da natureza e da sociedade", in E. V. de Castro (org), *A inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*, São Paulo, Cosac & Naify.

